

MEMÓRIA CAMPINEIRA (54)

PEDRA BRANCA

Célia Siqueira FARJALLAT

As jovens gerações desconhecem o cenário grandioso e calmo das velhas fazendas de café, que existiam ao redor de Campinas, e que fizeram o alicerce do poderio econômico da região. Eram propriedades enormes, produziam de tudo, possuindo ainda os artífices indispensáveis para toda a sorte de trabalhos: ferreiros, sapateiros, soldadores, marceneiros, sem contar é evidente com os trabalhadores do campo e ainda carroceiros, carreteiros e cocheiros.

As sedes eram casarões imensos de arquitetura colonial, grossas taipas caiadas de branco, telhados vermelhos, grades de ferro e por toda parte a exuberância da verdura: jardins cheios de sombras e de árvores, canteiros com jasmims, camélias, bocas-de-leão, brincos-de-princesa, begônias, flores que caíram da moda. Atrás ficava o pomar, repleto de goiabeiras, laranjeiras, marmeleiros, araçazeiros cujos frutos as donas de casa aproveitavam para monumentais tachadas de doces e compotas. O terreiro de café era bem cuidado; e as benfeitorias davam gosto: tulhas, moinhos d'água, casa de máquinas. Em torno, os cafezais a se perderem no horizonte.

Matas densas, fontes, riachos morros e campos completavam a paisagem bucólica a qual a casa grande emprestava a presença nobre de suas linhas patriarcais. Ali residia o proprietário com sua família sempre numerosa. Das amplas varandas, sombreadas de trepadeiras com muitas redes para as sestas sossegadas, o fazendeiro podia acompanhar a vida de seu pequeno mundo. Perto ficava a capela, sempre sob a invocação de um santo milagreiro.

Esse mundo aparentemente sólido, desapareceu. As grandes fazendas fragmentaram-se em sítios pequenos. Os donos mudaram-se para

a cidade. As meninas educadas, em colégios internos, quase sempre de formação francesa, criaram horror à vida sadia e laboriosa de fazendeiras. Os rapazes enveredaram para a política ou para as profissões liberais. E as fazendas foram morrendo. Algumas transformaram-se em taperas mal-assombradas. Poucas guardaram a antiga grandeza.

Mas a Fazenda Pedra Branca, pertinho de Viracopos, conservou a antiga nobreza e linhas coloniais, a sobriedade dos adornos, a autenticidade e o encantamento de outrora. Chão de tábuas largas, escadarias, salões, a grande sala de jantar, terraços, corredores longos, e até a legenda de gemidos e ferros arrastados pelas almas penadas de escravos, sem sossego nem no outro mundo.

Mais ainda: a Pedra Branca pertenceu, durante décadas, ao engenheiro Carlos Alberto Barros Coelho, que foi provedor da Irmandade do SS. Sacramento, e que faleceu há alguns anos. Barros Coelho teve o bom gosto de respeitar o estilo do prédio, e ainda de restaurar aspectos que o tempo destruíra. Levou para lá velhas louças, bronzes, objetos de ferros, quadros, e não querendo quebrar o esboço tradicional chegou a disfarçar um aparelho de tevê colocando-o dentro de um confessionário. Tinha planos para transformar a tulha em uma oficina artística. Morreu antes de concretizar esse e outros planos...

Tenho visitado outras sedes de fazendas da região, e algumas estão irreconhecíveis. Perderam a atmosfera, o estilo. E essa perda é irreparável. Vai ser mais difícil reconstituir aqueles tempos. Mas vale tentar.

("Correio Popular", Campinas, 12-10-1994)